



Teatro

GARCIA LORCA EM TURIM



Fragmento da representação de «Mariana Pineda», de Garcia Lorca, pelo Pequeno Teatro de Turim, sob a direção de Lúcio Chiavarelli e tendo na protagonista a atriz Lia Angeleri (a segunda, da esquerda no clichê), que integrava o elenco do Piccolo Teatro di Milano, quando esse conjunto esteve no Brasil, tendo sido inclusive a «Beatrice» do «Arlequim, servidor de dois anos», de Goldoni.

FÓRMULA ITALIANA PARA O BRASIL

HA algum tempo, ao comentarmos aqui a criação do Pequeno Teatro de Turim, falamos do sistema em vigor na Itália, segundo o qual funcionam em várias cidades companhias permanentes de teatro declamado, subvencionadas pelo governo nacional e pelos municípios. A esses conjuntos cabe a função de realizar um teatro de uma categoria que as simples organizações comerciais declaram impraticável. São ao todo seis: os «pequenos teatros» de Milão, Roma, Gênova, Turim, Palermo, e o «teatro estável», de Trieste. Três outros, pelo menos, estão em organização, ou projeto, em Nápoles, Bari e Cagliari.

O de Roma, parece que em virtude de problemas administrativos, não está presentemente em funcionamento. Mas o de Milão continua numa atividade a respeito da qual nada é preciso acrescentar, bastando lembrar aos leitores a temporada que realizou há ano e meio, aqui no Rio. O de Turim foi inaugurado há poucos meses. O de Palermo e o de Trieste entram em seu segundo ano de atividade, e o de Gênova teve o seu reaparecimento saudado com entusiasmo, depois de uma fase de reorganização. Pelo menos dois desses teatros, o de Milão e o de Trieste, mantêm anexos cursos de arte dramática.

Ao ler tudo isso, no último número de «Il Dramma», ficamos pensando se essa não seria a solução para o nosso teatro. Ao invés de uma só companhia estatal viajando por todo o país, como se tem tentado fazer, dadas as dimensões deste, não seria mais razoável a criação de umas quatro companhias locais? Uma, por exemplo, com sede em Recife, e excursionando pelo Nordeste e pelo Norte; outra, em Porto Alegre, para atuar em todo o Sul; uma terceira em São Paulo, incluindo também em seu campo de atuação pelo menos Mato Grosso e Goiás. A que funcionasse no Rio se apresentaria, ainda, por exemplo, em Minas, Espírito Santo e Bahia. Nem outro é o sistema francês da descentralização teatral através da criação de «centros dramáticos», como veremos em comentário posterior.

Henrique Oscar